
PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES À RETÓRICA MATERIALISTA DE MICHAEL CALVIN MCGEE¹

Eduardo Lopes PIRIS²

Doutor em Filologia e Língua Portuguesa (USP)
Docente da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

RESUMO: Este artigo apresenta um estudo bibliográfico e visa expor os fundamentos epistemológicos e a metodologia de análise da retórica materialista concebida por Michael Calvin McGee. Assim, propomos (1) introduzir um panorama dos estudos retóricos nos Estados Unidos, considerando as viradas pragmática e ideológica da retórica crítica; (2) contextualizar a inscrição da retórica materialista no contexto da retórica crítica; (3) situar a concepção de retórica e persuasão na obra de Kenneth Burke; (4) apresentar os ensaios de McGee “In search of ‘the people’” (1975) e “The ‘ideograph’” (1980), focalizando, respectivamente, as questões da audiência e da persuasão ideológica. Esperamos que este artigo possa fornecer uma base para outras pesquisas interessadas, por exemplo, em desenvolver os conceitos da retórica materialista.

Palavras-chave: Retórica estadunidense. Kenneth Burke. Retórica Crítica. Retórica Materialista.

Introdução

Este trabalho sobre retórica materialista surge inicialmente de nosso interesse em explorar a interface entre a retórica e a teoria materialista do discurso, principalmente com o objetivo de investigar as dimensões ideológicas e argumentativas do discurso. Nesse sentido, os postulados de Michel Pêcheux em relação à análise do discurso e de Chaïm Perelman no campo da teoria da argumentação são bem conhecidos, uma vez que o encontro entre esses dois quadros teóricos foi observado por autores brasileiros como Osakabe (1979), Orlandi (1998) e Piris (2016), bem como na Argentina por Vitale (2006; 2009). Por outro lado, as reflexões sobre a relação entre retórica e materialismo desenvolvidas pelo estadunidense Michael Calvin McGee no quadro teórico da retórica materialista são pouco conhecidas na América Latina.

¹ Este artigo é parte de nossa pesquisa vinculada ao estágio pós-doutoral realizado no Instituto de Linguística da Universidade de Buenos Aires, sob supervisão da Profa. Dra. María Alejandra Vitale a quem agradeço o envio de parte dos textos para pesquisa. Agradeço também à Profa. Ekaterina Haskins por gentilmente compartilhar comigo os textos de McGee. Agradeço a leitura prévia feita por Isabel Cristina Michelan de Azevedo. Os equívocos são todos de minha responsabilidade.

² Endereço eletrônico: elpiris@uesc.br

Assim, para iniciar, seria importante apresentar um panorama a respeito dos estudos retóricos nos Estados Unidos para identificar a natureza das investigações naquela cultura acadêmica. Podemos destacar, primeiramente, o recorte cronológico apresentado por Brent Allen Saindon (2008), que situa o ponto de virada dos estudos clássicos para os estudos pragmáticos da retórica. Acompanhemos a exposição de Saindon (2008, p. 91):

Ernst Wrage (1947) [...] marca um momento revolucionário da crítica retórica, pois as críticas neorristotélicas haviam enfatizado, até aquele momento, a importância do contexto imediato e da audiência³ (WICHELS, 1925), negligenciando uma audiência mais ampla e as influências a longo prazo da retórica (BLACK, 1965). Wrage (1947) desloca a influência imediata do orador em favor da relação entre um texto e a transmissão de ideias importantes em uma cultura. Em suma, a retórica estava começando a ser teorizada como uma força social na história, não apenas orientada para persuadir uma audiência imediata.⁴

Se o trabalho de Wrage foi pioneiro ao ampliar o escopo do contexto situacional e da audiência e, então, levar os estudos retóricos a transcender da ordem das técnicas de persuasão para o domínio do sócio-histórico e cultural, é preciso considerar que, segundo James Herrick (1998), o fato de vários estudiosos da retórica contemporânea enfatizarem o contexto ou a situação em que o ato retórico ocorre – sustentando que um discurso deve ser considerado perante os contextos culturais e situacionais nos quais foi produzido e está sendo interpretado – deve-se aos trabalhos de Kenneth Burke (1945; 1950) e Lloyd Bitzer (1968), os dois representantes mais importantes dessa abordagem retórica que começa a se desenvolver nos Estados Unidos, na primeira metade do século XX.

Ronald Lee (2009, p. 285), por sua vez, destaca um momento posterior nos estudos retóricos estadunidenses, o da chamada virada ideológica, esclarecendo que os avanços e os limites do modelo pragmático forneceram um quadro de conceitos que foi readaptado por outras abordagens críticas, destacando-se, portanto, “a chamada ‘virada ideológica’ na retórica crítica”, cuja particularidade sugerida pela expressão ‘virada ideológica’ não deixa de ser um guarda-chuva que abriga “uma constelação de diferentes perspectivas e métodos”. É nesse contexto que se encontram “o materialismo retórico de Michael Calvin McGee

³ No Brasil, consagraram-se, graças às traduções, os termos “ouvinte”, no âmbito da retórica de Aristóteles, e “auditório”, no âmbito da nova retórica de Perelman. Na tradição estadunidense, emprega-se, nas traduções ao inglês, o termo “audience” tanto na *Retórica* quanto na *Nova Retórica*. Assim, para marcar que estamos trabalhando no campo dos estudos retóricos estadunidense, optamos por traduzir “audience” como audiência.

⁴ A tradução de todos os trechos citados é de nossa inteira responsabilidade.

(perspectiva teórica) e a crítica ideográfica (como essa perspectiva é usada na crítica)”, cuja importância é destacada por Lee (2009, p. 285) da seguinte maneira:

A partir dos anos 1970, McGee escreveu uma série de ensaios que mudaram a maneira como uma geração de críticos pensa, fala e faz críticas. Mesmo aqueles que rejeitam seu programa foram obrigados a iniciar uma conversa contínua com sua visão de retórica e a perspectiva crítica que ele promulgou.

James Arnt Aune, que manteve intenso diálogo com McGee, apresenta pertinentes reflexões a respeito do chamado declínio da retórica e o surgimento de uma retórica crítica. Segundo Aune (2019 [2003], p. 187), é preciso entender em primeiro lugar que qualquer teoria materialista da retórica deve “reconhecer que o chamado ‘declínio’ da retórica foi o produto de mudanças no modo de produção”, ou seja, “as muitas vezes incompreendidas tiradas de McGee contra o legado dos ‘gregos mortos’ devem ser ajustadas diretamente ao contexto da mudança econômica e tecnológica”. Aune (Ibid, p. 187) alega que as novas tecnologias de comunicação impactaram o prestígio cultural do orador, uma vez que o “capitalismo aumentou a mobilidade ascendente e corroe a cultura de deferência da qual a oratória tradicional dependia”. E, num salto entre eras, Aune avalia que:

A tradição clássica, no seu auge, pediu a seu auditório que se deslocasse da posição de súdito para a de cidadão. Mas o liberalismo inevitavelmente permitiu que o mercado superasse a participação democrática.

Aune traduz com precisão a proposta de McGee ao preconizar que uma compreensão acadêmica e também prática da dinâmica tanto da cidadania quanto da liderança política nas democracias modernas e nas ditaduras exige uma compreensão materialista do funcionamento do discurso como poder, de modo que uma teoria materialista da retórica precisa abranger o conceito de ideologia (AUNE, 2019 [2003], p. 187), ideário este que está totalmente alinhado à virada ideológica dos estudos retóricos que sucedeu à virada pragmática.

Especificamente sobre os textos de McGee, Carol Corbin publicou em 1998 o livro *Rhetoric in Postmodern America: Conversations with Michael Calvin McGee* [Retórica na América pós-moderna: conversas com Michael Calvin McGee]. Trata-se de um livro produzido a partir de uma série de discussões gravadas com McGee a respeito do campo da retórica e dos estudos culturais e que, segundo Corbin (2003, p. 97), captura “o tom de suas discussões em sala de aula e combina os temas de seus muitos artigos em um todo coerente”.

Para Corbin (2003), as três contribuições mais importantes de McGee para a retórica são seus ensaios intitulados:

- “In search of ‘the people’: a rhetorical alternative” (1975) [Em busca do ‘povo’: uma alternativa retórica];
- “The ‘ideograph’: a link between rhetoric and ideology” (1980) [‘O ideógrafo’: um elo entre retórica e ideologia];
- “Text, context, and the fragmentation of contemporary culture” (1990) [Texto, contexto e fragmentação da cultura contemporânea].

Na perspectiva de Saindon (2008, p. 88-89), “Text, context, and the fragmentation of contemporary culture” (1990) marca uma virada na obra de McGee, pois os críticos e teóricos da retórica enxergam uma contradição profunda na mudança da crítica ideológica (1980) para a preocupação com fragmentos de discurso que circulam em uma cultura pós-moderna (1990). Entretanto, Haskins (2003, p. 5) discorda frontalmente dessa crítica, argumentando que:

McGee imaginou o trabalho de um esquerdista acadêmico como uma série de “pequenas incursões de guerrilha na retórica do liberalismo” (cf. Corbin 1998, p. 94), porque o liberalismo é o contexto cultural inescapável da política americana dos EUA. A ideologia não é monolítica, nunca é “completa”, mas existe nos fragmentos do discurso e através deles. O trabalho de um retórico, portanto, é reunir esses fragmentos discursivos na esperança de trazer o público fragmentado para uma comunidade em um determinado momento no tempo, para usar o momento criado por essa identificação temporária para provocar mudanças.

Temos aí pistas para dizer que a chamada virada pós-moderna de McGee (1990) é assunto que merece ser investigado com mais vagar e atenção, pois é preciso meditar sobre a tese da fragmentação apresentada no texto de McGee e também sobre as distintas posições críticas endereçadas a esse ensaio que estão sinalizadas no artigo de Saindon (2008).

Do exposto, nosso objetivo neste trabalho é o de contribuir para divulgação do gesto inicial de McGee para construção da Retórica Materialista, apresentando um panorama das ideias de Kenneth Burke que, posteriormente, são reinterpretadas por McGee nos dois ensaios aos quais nos dedicamos neste artigo: “In search of ‘the people’: a rhetorical alternative” (1975) e “The ‘ideograph’: a link between rhetoric and ideology” (1980).

A importância de Kenneth Burke para os estudos retóricos nos Estados Unidos

Segundo Herrick (1998, p. 225), Burke foi talvez o mais influente dos teóricos da retórica dos EUA e, como escritor de interesses variados, recorreu a disciplinas tão diversas quanto filosofia, drama, religião, ciência política, literatura e retórica, para formular suas teses e teorizações a respeito da natureza do discurso retórico, entre elas, uma das mais fundamentais, nas palavras de Herrick, é a de “que o uso da linguagem é ação simbólica e que a retórica é indução simbólica”. E essa tese está no cerne do projeto teórico de Burke, porque ele tem “um interesse inflexível no símbolo e um interesse correspondente em seu uso por agentes humanos para mudar a si mesmos e suas comunidades”; assim, para Burke, a “retórica” é o uso de símbolos para moldar e mudar os seres humanos e seus contextos (HERRICK, 1998, p. 225). Desse modo:

Burke voltou sua atenção para três elementos fundamentais da existência social e privada humana que o conhecimento da retórica nos ajudou a entender: (1) os meios simbólicos pelos quais definimos a nós mesmos e nossas comunidades; (2) a natureza do significado como questão de interpretação dos símbolos; e (3) a motivação e a ação humanas. (HERRICK, 1998, p. 225-6)

Quanto à expressão “indução simbólica” [symbolic inducement], Herrick (1998) explica que se trata de uma ideia que resume a atividade central da retórica que é angariar a cooperação pelo uso estratégico dos símbolos. Ademais, é em seu livro *A Rhetoric of Motives* [Uma retórica dos motivos], de 1950, que Burke oferece sua definição mais famosa de retórica:

Pois a retórica como tal não está enraizada em nenhuma condição passada da sociedade humana. Está enraizada em uma função essencial da própria linguagem, uma função que é totalmente realista e nasce continuamente de novo: o uso da linguagem como meio simbólico de induzir a cooperação em seres que, por natureza, respondem aos símbolos ⁵ (BURKE, 1969b [1950], p. 43).

Herrick (1998, p. 226) sublinha que a concepção retórica de Burke passa por sua concepção de linguagem, a qual, para ele, não é uma entidade apenas conceitual ou abstrata, mas que consiste no aspecto concreto de nossa existência e se desenvolve a partir da interação

⁵ Por se tratar de um trecho central na obra do autor, optamos por apresentar também o texto no original em inglês: “For Rhetoric as such is not rooted in any past condition of human society. It is rooted in an essential function of language itself, a function that is wholly realistic, and is continually born anew; the use of language as a symbolic means of inducing cooperation in beings that by nature respond to symbols.” (BURKE, 1969b [1950], p. 43).

social humana. Essa mesma constatação pode ser encontrada na obra de referência *Encyclopedia of Rhetoric*, organizada por Thomas Sloane (2006), na qual Karlyn Kohrs Campbell (2006, p. 522) afirma que “Burke descreveu os seres humanos como criaturas que usam e usavam símbolos, cuja biologia foi infundida e transformada por motivos linguísticos decorrentes das capacidades de nomeação, abstração e negação da linguagem”. É assim que, para Burke, entender esses fatos de nossa existência simbólica é compreender a retórica.

Desse modo, podemos perceber que, além da dimensão simbólica da linguagem, o conceito de motivo também ocupa importância no pensamento de Burke, que, segundo Jasinski (2001), havia preconizado que os motivos são um fenômeno linguístico já em seu livro *Permanence and Change*, de 1935. Então, Jasinski (2001, p. 369) explica que, para interpretar os motivos de um ato retórico, é preciso compreendê-los no contexto de outros dois conceitos-chave, a saber, orientação e situação, da seguinte maneira:

[...] um vocabulário de motivos faz parte de um “sistema de orientação” [...] que torna nosso mundo compreensível e significativo. Não percebemos o mundo de algum modo neutro ou objetivo, desprovido de qualquer orientação [...]. Os motivos, então, são simplesmente uma maneira abreviada de dizer: “nesta cultura, é assim que vemos o mundo e, como resultado, é assim que fazemos as coisas” [...]. Mas precisamos lembrar que as pessoas não encontram situações no vácuo; elas encontram situações por meio de orientações estabelecidas. Orientações nos permitem entender situações, e situações moldam e reformulam orientações. Em suma, os motivos parecem ser princípios culturais incorporados em vocabulários que moldam e orientam a percepção e a ação humanas. (JASINSKI, 2001, p. 369-370).

Portanto, conforme a explanação de Jasinski (2001, p. 370), ao considerar a existência dos motivos nos vocabulários, nas interações e nas situações, a abordagem retórica de Burke dedica-se à interpretação da ação linguística ou simbólica, de modo que seu método para revelar motivos teve um impacto substancial no campo da crítica retórica. Karlyn Kohrs Campbell (2006, p. 522) corrobora esse ponto de vista, ao afirmar que o dramatismo – nome dado por Burke à sua abordagem retórica – resultou numa “forma de crítica focada no que o discurso faz, nas funções simbólicas que ele desempenha, e não na sua acuidade ou verdade”, buscando explicar o trabalho simbólico de um retórico que interpreta o mundo na e pela linguagem e convida outras pessoas a ver o mundo como ele. Essa tarefa se sustenta na máxima burkeana: “Onde quer que haja persuasão, há retórica. E onde quer que haja “significado”, há “persuasão” (BURKE, 1969b, [1950], p. 172).

Campbell (2006, p. 522) assinala que o dramatismo é “uma técnica para analisar o pensamento e a linguagem como modos de ação, e não como meio para transmitir informações”, pois, nessa perspectiva, “todo discurso é um drama simbólico que pode ser analisado e compreendido por meio das relações entre os cinco termos de seu conjunto: ‘cena’, ‘ato’, ‘agente’, ‘agência’ e ‘propósito’”. Nos termos de Burke (1969a [1945], p. xv):

Trata-se de uma quina [*pentad*] de termos-chave, que são compreensíveis quase de relance. Nunca deve ser abandonado, uma vez que todas as declarações que atribuem motivos podem surgir deles e terminar neles.

Burke (1969a [1945], p. xv) abre sua discussão sobre os cinco termos-chave do dramatismo com a pergunta “O que está envolvido quando dizemos o que as pessoas estão fazendo e por que estão fazendo?”, para, então, apresentar os cinco elementos constituintes de seu modelo dramático para análise dos motivos da seguinte maneira:

Em uma declaração completa sobre motivos, você deve ter uma palavra que nomeie o ato (nomeie o que aconteceu, em pensamento ou ação) e outra que nomeie a cena (o pano de fundo do ato, a situação em que ocorreu); além disso, você deve indicar qual pessoa ou tipo de pessoa (agente) realizou o ato, quais meios ou instrumentos ela utilizou (agência) e o objetivo, o propósito. (BURKE, 1969a [1945], p. xv).

Segundo Herrick (1998, p. 227), Burke acreditava que a linguagem do drama fornecia um meio de avaliar as configurações retóricas e entender por que as pessoas escolhem as ações que realizam, pois, nas palavras de Burke, “os homens falaram sobre as coisas de várias maneiras, mas a quina dramática [*pentad*] oferece uma maneira sinóptica de falar sobre suas conversas” (BURKE, 1969a [1945], p. 56). Herrick (1998, p. 228) explica que Burke fez uma distinção importante entre um simples “movimento” e uma “ação” proposital, pois na ação há a presença de um motivo, de modo que o motivo atribui o traço retórico à interação humana.

Por fim, complementa Herrick (1998, p. 228) que “para entender os atos humanos, é preciso entender os motivos humanos; e a gramática de motivos de Burke – seu modelo dramático – contribuiu para esse entendimento”.

Em busca do “povo” (1975): o gesto inicial de McGee para construção da Retórica Materialista

A relevância do ensaio de McGee “In Search of ‘The People’” publicado em 1975 no periódico *Quarterly Journal of Speech* pode ser observada nesta síntese elaborada por James Arnt Aune:

Escrito numa época em que a teoria retórica e os estudos sobre comunicação pública pareciam estar em declínio, o trabalho de McGee estimulou alguns dos desenvolvimentos mais importantes nesse campo: 1) o desenvolvimento de estudos mais inteirados sobre oratória política teoricamente e outras formas de comunicação pública; 2) o desenvolvimento de abordagens “macro” para o estudo do discurso político ao longo do tempo; 3) interesse interdisciplinar na retórica em todas as ciências humanas, particularmente nas ciências políticas, na economia e na sociologia; 4) o surgimento de estudos crítico-humanistas da comunicação de massa; e, por fim, 5) a legitimação de saberes politicamente comprometidos com a esquerda (AUNE, 2019 [2003], p. 186).

Em 1975, Michael Calvin McGee era professor da área de retórica e comunicação da Universidade de Memphis e abre seu ensaio “In Search of ‘The People’” [Em busca do “povo”], observando que os estudantes não têm se envolvido com os tópicos das teorias sociais e que parece haver uma tendência a não reconhecer a importância dos próprios conceitos da área ao descrever a condição social do homem. Como se essa observação introdutória não fosse suficiente para dar o tom de sua crítica e marcar seu posicionamento perante o discurso e a prática dos acadêmicos dedicados ao estudo da linguagem e o que se faz com ela na comunicação pública, McGee (1975, p. 235) compartilha sua inquietação a respeito da grande aproximação às concepções greco-romanas da retórica aliada à tendência ao menosprezo das associações intelectuais com filósofos sociais como Voltaire, Hegel, Marx e outros, incluindo aí uma censura aos estudiosos de retórica que, por muito tempo, “pretenderam categorizar Kenneth Burke como um aristotélico, quando, de fato, seus escritos fazem parte de uma tradição intelectual muito mais recente, a de Hegel, Marx e Freud” (McGEE, 1975, p. 236).

McGee chega ao tema de seu ensaio, o “povo”, ao apontar que uma manifestação dessa orientação convencional aos tópicos retóricos “é o fracasso geral de explorar completamente a concepção orgânica da existência humana pressuposta em quase todos os textos retóricos” (p. 236). Por exemplo, McGee (p. 237) critica, de um lado, certos trabalhos nas ciências sociais que buscam dados quantitativos relativos à idade, sexo, ocupação, religião, educação, renda etc. para determinar os efeitos de um argumento ou para descrever a vontade do povo e, então, capturar o espírito de um povo e, de outro lado, trabalhos de

retórica que acreditam que “apontar uma falácia na argumentação é suficiente por si só para justificar a rejeição de um orador por completo, pedindo-lhe desculpas, ou a criação de uma polêmica contra ele”.

James Arnt Aune destaca a posição política do acadêmico McGee de que afirmar os estudos retóricos significa aprofundar as diferenças entre uma visão de mundo científica e tecnológica que reluta a se engajar em questões de ética e de valor e “uma cosmovisão romântica em que a ênfase na autoexpressão individual parece minar a possibilidade da fala pública racional” (AUNE, 2019 [2003], p. 186-7).

Nesse sentido, McGee (p. 237) entende que as tradições mais antigas da retórica são deturpadas pelos ideais racionalistas do platonismo e que esse impulso de continuar a redução da humanidade a uma dimensão é visível até mesmo “pelo grupo de filósofos cuja recente redescoberta da retórica os levou a resistir à condenação moral de Platão à retórica”. Assim, segundo McGee (1975, p. 237):

Perelman, por exemplo, não toma a retórica tal como a encontra, repleta de sofismas, propaganda, mitos e visões. Tais coisas parecem especificamente “irracionais” e sua missão é criar uma “nova retórica”, concebida como uma espécie de razão, que é o contrário do experimento e da dedução lógica, de um lado, e das “forças irracionais, instintos, sugestões e violência”⁶, de outro lado.

Na visão de McGee (1975, p. 237-8), o “povo” é mais importante para Perelman do que para Platão, uma vez que, para Perelman, o auditório é um conceito central e definidor de qualquer ideia de retórica, porém Perelman aborda o auditório mais por máximas e interesse próprio do que por razão e evidência. Então, McGee conclui que “[...] como Platão ignorou o “povo” *real* na tentativa de refazer a retórica de *Fedro*, Perelman ignora o “povo” *real* ao escrever uma *Nova Retórica* que não é mais que um *Tratado da Argumentação* para a elite” (McGEE, 1975, p. 238), crítica que, aliás, não se afigura injusta, considerando o tipo de texto selecionado para as ilustrações às técnicas argumentativas e as análises daí resultantes apresentadas no *Tratado*.

McGee sintetiza, portanto, sua crítica aos estudos que tentam se aproximar do “povo” da seguinte maneira:

⁶ McGee refere-se aqui ao início da introdução da versão em inglês do *Tratado da Argumentação* de Perelman & Olbrechts-Tyteca.

Pode-se concluir que, com poucas exceções, a maioria dos estudos retóricos pressupõe um “povo” ou um “auditório” que é (a) uma extensão objetiva e literal de “pessoa” ou (b) uma “multidão” de indivíduos cujo significado é sua credulidade e sua falha em responder ao argumento “lógico” (McGEE, 1975, p. 238).

Buscar o “povo” significa, no ensaio de McGee (1975), colocar questão sobre a dimensão subjetiva do discurso retórico negligenciada tanto pelos estudiosos de retórica quanto pelos estudiosos de comunicação em razão de conceberem de forma abstrata, idealista ou homogeneizadora sujeitos situados num ato retórico. McGee não propõe pensar a instância subjetiva da argumentação retórica apenas no nível abstrato do orador e da audiência e tampouco no nível reificador do comunicador e do público-alvo, mas no nível sócio-histórico da coletivização do processo retórico, considerando, portanto, em sua reflexão sobre o ato retórico o “povo” de uma nação ou de uma cultura. Assim, o objetivo do ensaio de McGee é “descrever um meio alternativo de definir ‘o povo’ com base em concepções orgânicas da sociedade humana, dependendo nem do comportamento observado dos indivíduos nem dos preconceitos platônicos sobre o papel da razão nos assuntos humanos” (McGEE, 1975, p. 238).

McGee (p. 238) entende que a descrição de uma concepção alternativa de “povo” em retórica demanda de início uma compreensão da seguinte observação de Albert Frederick Pollard⁷: “‘povo’ é uma expressão tão indeterminada que seu uso, muito menos seu abuso, obscurece quase todas as discussões políticas”. McGee afirma que em cada um dos três maiores sistemas ideológicos do século XX (liberalismo, fascismo e comunismo), o “‘povo’ garante todo um sistema político, mas sua identidade varia de sistema para sistema; nenhum filósofo político certamente os descreve, nenhum líder político pode ter certeza por muito tempo de que capturou o espírito até de seu próprio povo” (p. 239).

McGee questiona, então, “como se pode conceber a ideia “povo” de uma maneira que explique a função retórica do “povo” em argumentos destinados a justificar a ação social e até mesmo a própria sociedade”, ressaltando que sua “intenção é seguir o exemplo de Kenneth Burke, argumentando que os estudos de retórica devem contribuir positivamente para a compreensão do processo social e da condição humana” (McGEE, 1975, p. 247-8).

Na obra de referência *Encyclopedia of Rhetoric*, Hauser e seus colaboradores (2006, p. 641) sublinham o caráter inovador do ensaio de McGee (1975) por ter apresentado “uma teoria materialista da retórica baseada no entendimento do ‘povo’ como uma construção

⁷ POLLARD, A. F. *The evolution of Parliament*. London: Longmans, 1934. p. 343.

retórica que serve tanto para uma justificativa ideológica da autoridade política quanto como uma coletividade humana capaz de atuar como uma força na história”.

Enfim, para McGee (1975, p. 249), “buscar uma alternativa retórica na definição de ‘povo’ leva à importância de reconhecer a vida coletiva como uma condição de existência da “audiência” daqueles que pretendem liderar a sociedade”. McGee coloca ênfase no “povo” enquanto audiência construída em discursos de oradores que visam não apenas à descrição de certa realidade, mas à construção de um mito político. É na relação entre retórica e sociedade que a audiência é concebida na coletivização do processo retórico, transcendendo a perspectiva de análise das técnicas argumentativas, dos esquemas de construção da razão, das verdades. Assim, McGee (p. 249) sugere não transformar o conceito de “audiência” em si mesmo, mas utilizá-lo para explorar a relação recíproca entre a retórica e a teoria social.

O ideógrafo (1980): um conceito operatório para análise da persuasão ideológica

Corbin (1998) assinala que o ensaio de McGee de 1980, “The ‘ideograph’: a link between rhetoric and ideology” também se tornou um clássico, fornecendo aos críticos culturais uma ferramenta retórica para análise cultural. Para Corbin, os ideógrafos marcam tipicamente os principais locais de batalha pela hegemonia, pois “vinculam grupos de ideias e palavras a uma sociedade e manifestam as lutas pelo poder dentro dessa sociedade” (CORBIN, 1998, p. 18).

McGee (1980, p. 1) abre seu ensaio apontando a preferência teórica de Burke (1969b [1950]) pela noção de “filosofia do mito” em vez do conceito de “ideologia”, o que levou os estudos contemporâneos de retórica a desenvolver o “simbólico” e o “dramático” e, conseqüentemente, a atrofiar o “ideológico”. Nessa reflexão acerca das “virtudes antitéticas e os vícios de dois modos de pensamento, idealista/simbolista e materialista/marxista” (JASINSKI, 2001, p. 308), McGee conduz sua discussão rumo a uma solução de síntese.

Assim, sobre o fenômeno do engano, ilusão ou manipulação da realidade, McGee (1980, p. 2) contrapõe a visão simbolista de que há um acordo voluntário para acreditar e participar do “mito” à visão materialista de que o mito é uma forma insidiosa e reificada de “mentira”, um sistema de crenças e interpretações imposto pela classe dominante. Nesse contexto, McGee (1980, p. 2) afirma que Burke, enfatizando os indivíduos que foram iludidos, “preocupa-se mais com a estrutura dos ‘motivos’ com que as condições objetivas que interferem e restringem a liberdade individual de desenvolver uma consciência política” e que, por outro lado:

Os neomarxianos, com foco nas ilusões e na maquinaria de ilusões, dizem que a questão essencial colocada pelo fato da sociedade é a de localizar descrições precisas da tensão dialética entre uma "verdadeira" e uma "falsa" consciência, entre realidade e ideologia. (McGEE, 1980, p. 2)

Então, McGee (1980, p. 3) salienta que “os erros aparecem quando mito e ideologia são concebidos para serem descrições teóricas contrárias, alternativas e incompatíveis do mesmo fenômeno”. Ressalva que não tem intenção de menosprezar o trabalho de seus colegas que tentam desenvolver a filosofia do mito de Burke, porém é necessário reparar que a afirmação de que a ‘filosofia do mito’ é uma alternativa à ideologia convoca o pensamento de Marx sobre a questão do poder, ou seja, da “capacidade de uma elite controlar o *establishment* político, econômico e militar do Estado, de dominar os sistemas de informação do Estado e determinar inclusive a consciência das grandes massas populares” (McGEE, 1980, p. 3).

A partir dessa visão antitética, McGee (1980, p. 4) sugere sua síntese, propondo um modelo teórico que leve em conta o "mito" e a "ideologia" para descrever esse fenômeno da ilusão da realidade. A esse respeito, Jasinski (2001, p. 308) comenta que a “persuasão surge como o ponto de síntese de McGee e esse novo ‘modelo teórico’ é, em última análise, um novo modelo de persuasão”.

McGee (1980, p. 4) acredita que “a consciência é sempre falsa não porque somos autômatos programados ou estejamos propensos a estruturar as percepções políticas em ‘dramas’ ou ‘cenários’ [...], mas porque a ‘verdade’ em política [...] é sempre uma ilusão”. E, então, ele estabelece que “o falso em uma ideologia é especificamente retórico, pois a ilusão do verdadeiro e do falso em relação a compromissos normativos é o produto da persuasão”.

Neste ponto, já podemos perceber de que maneira McGee reinterpreta a noção de persuasão da retórica clássica orientada para uma audiência imediata e limitada a um contexto próximo, bem como a percepção burkeana de persuasão como retórica baseada em motivos analisáveis pelo modelo dramático, para, então, propor uma noção de persuasão como força ideológica que se manifesta historicamente nas lutas de classe por meio da linguagem. Assim, do ponto de vista operatório, McGee define que:

[...] a ideologia em prática é uma linguagem política preservada em textos retóricos com capacidade de ditar decisões e controlar crenças e comportamentos públicos. Além disso, a linguagem política que manifesta a ideologia parece se caracterizar como slogans, um vocabulário de “ideógrafos” facilmente confundido com a terminologia técnica da filosofia política (McGEE, 1980, p. 4).

Nesse modelo de persuasão proposto para a retórica materialista, é importante observar quais são os objetivos da teoria. Assim, McGee (1980, p. 4) orienta que:

Uma análise dos usos dos ideógrafos na retórica política revela sistemas interpenetráveis ou “estruturas” de motivos públicos. Tais estruturas parecem ser padrões “diacrônicos” e “sincrônicos”⁸ da consciência política, que têm a capacidade de controlar o “poder” e de influenciar (se não de determinar) a forma e a textura da “realidade” de cada indivíduo.

Em síntese, María Alejandra Vitale (2015, p. 30) sinaliza as características essenciais do modelo de análise de McGee da seguinte maneira:

[...] a descrição completa de uma ideologia consistirá para McGee em: (1) isolar os ideógrafos de uma sociedade; (2) descobrir e analisar a estrutura diacrônica de todo ideógrafo e (3) caracterizar as relações sincrônicas entre todos os ideógrafos em um contexto particular.

Para Michael Weiler, a proposta de McGee (1980) apresenta aos estudos da retórica crítica outra possibilidade de simbolização ideológica, ao identificar os ideógrafos “como representações abreviadas da ideologia à qual eles se referem” (2014 [1993], p 283). Weiler percebe bem que os ideógrafos, “apesar de aparentarem integrar os argumentos ideológicos, seu poder de invocar determinadas atitudes e crenças em um dado momento tende a reforçar uma dada ideologia sem que se precise recorrer a uma argumentação formal”.

McGee (1980) propõe não só um método de análise da persuasão no discurso político, mas também inspira os estudiosos de retórica à prática da compreensão das estruturas que norteiam nossas vidas, sugerindo que a compreensão do funcionamento dos ideógrafos permite ao analista crítico saber como a ideologia constrói os posicionamentos dos sujeitos que controlam ou pretendem controlar o Estado e a vida das populações. Nesse quadro teórico da retórica materialista, “os mitos não são apenas recursos simbólicos para o mundo fazer práticas de seres humanos, mas ferramentas para garantir certas narrativas de desigualdade estrutural” (SAINDON, 2008, p. 93).

⁸ “O movimento diacrônico consiste nas mudanças nos significados do ideógrafo disponíveis para a situação atual, que funcionalmente significa a totalidade de todos os significados anteriores conferidos a um ideógrafo em particular ao longo do tempo. Movimento sincrônico é a relação entre o ideograma em consideração e os outros ideógrafos que operam na sociedade. Por exemplo, se tentássemos entender o ideograma da ‘igualdade’, rastrearíamos os usos históricos do termo, além de como ele se relaciona com outros apelos de valor significativos, como ‘liberdade’ e ‘justiça’” (SAINDON, 2008, p. 94-95).

Considerações finais

Neste percurso, pudemos traçar um panorama da constituição de uma parte dos estudos retóricos nos Estados Unidos, mostrando que a virada pragmática na retórica crítica promoveu a ampliação do escopo das noções de audiência e de contexto para além da persuasão mais imediata, bem como a prática de considerar um discurso em seu contexto cultural e situacional de produção, em que se destacam as contribuições de Ernst Wraga (1947), Kenneth Burke (1945; 1950), Edwin Black (1965), Lloyd Bitzer (1968) entre outros.

Num segundo momento de nosso percurso, consideramos a relevância, o impacto e a produtividade dos trabalhos de Kenneth Burke, para focalizar sua concepção simbólica de retórica e sua preocupação em compreender o que o discurso faz, observando como um orador interpreta o mundo pela linguagem e convida sua audiência a ver o mundo como ele.

Num terceiro momento, apresentamos o ensaio de McGee (1975), “In search of ‘the people’”, mostrando que sua proposta é utilizar o conceito de “audiência” para explorar a relação entre a retórica e a teoria social e, sobretudo, que enfatizar o “povo” enquanto audiência de discursos de oradores que visam à construção de um mito político é conceber a audiência na coletivização do processo retórico.

Num quarto e último momento, dedicamo-nos ao ensaio “The ‘ideograph’” (1980), para pontuar que esse conceito é uma síntese construída a partir do conceito de “mito” preconizado por Burke e do conceito de “ideologia” de Marx, revelando a função de reprodução das relações de poder e de desigualdade sustentadas pelo mito até então acomodado sob a égide do simbólico.

Por fim, não podemos deixar de mencionar as lacunas deixadas aqui – pelo menos as que notamos –, começando pela intensa discussão gerada pela publicação de “Text, context, and fragmentation of contemporary culture”, em 1990, que, como dissemos, merecem atenção a tese da fragmentação de McGee e as críticas a esse ensaio pontuada no artigo de Saindon (2008). Uma segunda lacuna deixada aqui diz respeito aos desdobramentos da retórica materialista tal como podemos encontrar na proposta de “Uma outra retórica crítica” de Ronald Greene (1998; 2009). Esperamos que as ideias apresentadas neste artigo possam contribuir, de alguma forma, para a discussão da retórica materialista e gerar novas reflexões.

REFERÊNCIAS

AUNE, James Arnt. Uma teoria histórico-materialista da retórica. Tradução: Eduardo Lopes Piris e Paulo Roberto Gonçalves-Segundo. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, n. 19, v. 2, p. 185-207, dez. 2019. DOI 10.17648/eidea-19-v2-2587. [Original: 2003].

BITZER, Lloyd Frank. The rhetorical situation. *Philosophy and Rhetoric*, n. 1, p. 1-14, 1968.

BLACK, Edwin. *Rhetorical criticism: a study in method*. Madison: University of Wisconsin Press, 1965.

BURKE, Kenneth. *A Grammar of Motives*. 3rd ed. Berkeley: University of California Press, 1969a [1945].

_____. *A Rhetoric of Motives*. 3rd ed. Berkeley: University of California Press, 1969b [1950].

_____. *Permanence and Change. An Anatomy of Purpose*. 3rd ed. with new afterword. Berkeley: University of California Press, 1984 [1935]

CAMPBELL, Karlyn Kohrs. Modern rhetoric. In: SLOANE, Thomas O. (Ed.). *Encyclopedia of Rhetoric*. Oxford University Press: Oxford, 2006. p. 517-527.

CORBIN, Carol (Ed.). *Rhetoric in Postmodern America: Conversations with Michael Calvin McGee*. New York: Guilford, 1998.

_____. Bridging Rhetoric and Cultural Studies: Michael Calvin McGee: 1943-2002. *Topia – Canadian Journal of Cultural Studies*, n. 9, p. 97-99, 2003.

GREENE, Ronald Walter. Another materialist rhetoric. *Critical Studies in Mass Communication*, n. 15, p. 21-41, 1998.

_____. Rhetorical Materialism: The Rhetorical Subject and the General Intellect. In: BIESECKER, Barbara A.; LUCAITES, John. *Rhetoric, Materiality, and Politics*. New York: Peterlang, 2009. p. 43-65.

HASKINS, Ekaterina. Engaging Fragments a Tribute to Michael Calvin McGee. *American Communication Journal*, v. 6, n. 4, 2003.

HAUSER, Gerard A.; CHARLAND, Maurice; MCKERROW, Raymie E.; SIMONSON, Peter; KING, Andrew A.; ROACH, Thomas Jesse; G. Thomas GOODNIGHT. Politics. In: SLOANE, Thomas O. (Ed.). *Encyclopedia of Rhetoric*. Oxford University Press: Oxford, 2006. p. 634-655.

HERRICK, James A. Contemporary Rhetoric II: The Rhetoric of Situation, Drama, and Narration. In: _____. *The History and Theory of Rhetoric: An Introduction*. Boston: Allyn & Bacon, 1998. p. 224-246

JASINSKI, James. *Sourcebook on rhetoric: key concepts in contemporary rhetorical Studies*. Sage: Thousand Oaks, 2001.

LEE, Ronald. Ideographic Criticism. In: KUYPERS, Jim A. *Rhetorical criticism: perspectives in action*. Lexington Books: Lanham, 2009. p. 285-319.

McGEE, Michael Calvin. In Search of 'the People': a Rhetorical Alternative. *Quarterly Journal of Speech*, v. 61, n. 3, p. 235-249, 1975.

_____. The 'ideograph': a link between rhetoric and ideology. *Quarterly Journal of Speech*, v. 66, n. 1, p. 1-16, 1980.

_____. Text, context, and fragmentation of contemporary culture. *Western Journal of Speech Communication*, n. 54, p. 274-289, 1990.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso e Argumentação: um observatório do político. *Fórum Linguístico*. Florianópolis, n.1, p. 73-81, jul-dez.1998.

OSAKABE, Haqira. *Argumentação e discurso político*. Martins Fontes: São Paulo, 1979.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3.ed. Tradução de Eni P. Orlandi et al. Campinas: Ed.UNICAMP, 1997 [1975].

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996 [1958].

PIRIS, Eduardo Lopes. A argumentação numa perspectiva materialista do discurso. *Linha d'Água*, v. 29, p. 97-121, 2016.

SAINDON, Brent Allen. Debating Michael Calvin McGee's "critical" shift in rhetorical theory. *Contemporary Argumentation and Debate*, v. 29, p. 88-117, 2008.

VITALE, María Alejandra. *Prensa escrita y autoritarismo*. Las memorias retórico-argumentales de los discursos golpistas en la Argentina (1930-1976). Buenos Aires, 2006. Tesis (Doctorado) – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.

_____. La dimensión argumentativa de las memorias discursivas. El caso de los discursos golpistas de la prensa escrita argentina (1930-1976). *Forma y Función*, Bogotá, n. 1, v. 22, p. 125-144, 2009.

_____. Hacia una retórica crítica. In: RAMÍREZ VIDAL, Gerardo; LINDIG CISNEROS, Érika. *Convergencias teóricas. Usos y alcances de la retórica. Homenaje a Helena Beristáin*. México D.F.: UNAM, 2015. p. 29-34.

WEILER, Michael. Ideologia, Retórica e Argumentação. Tradução: Paulo Roberto Gonçalves Segundo e Winola Weiss Pires Cunha. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, n. 7, p. 264-287, 2014.

WICHELNS, Herbert A. The literary criticism of oratory. In: DRUMMOND, Alexander M. (Ed.). *Studies in rhetoric and public speaking in honor of James Albert Winans by pupils and colleagues*. New York: Russell and Russell, 1925. p. 181-216

WRAGE, Ernst J. Public address: A study in social and intellectual history. *Quarterly Journal of Speech*, n. 33, p. 451-457, 1947.

EARLY APPROACHES TO THE MICHAEL CALVIN MCGEE'S MATERIALIST RETORIC

ABSTRACT: This article presents a bibliographical study and aims to expose the epistemological foundations and the materialist rhetoric's methodology of analysis conceived by Michael Calvin McGee. Thus, we propose (1) to introduce an overview of rhetorical studies in the United States, considering the pragmatic and ideological turns of critical rhetoric; (2) contextualize the inscription of materialist rhetoric in the context of critical rhetoric; (3) locate the conception of rhetoric and persuasion in Kenneth Burke's work; (4) put forward McGee's essays "In search of 'the people'" (1975) and "The 'ideograph'" (1980), focusing on the question of the audience and the issue of ideological persuasion respectively. We hope that this article can provide a basis for further research interested, for example, in developing this and others concepts of materialist rhetoric.

Keywords: American rhetoric. Kenneth Burke. Critical rhetoric. Materialist rhetoric.

Envio: janeiro/2020
Aceito para publicação: abril/2020